

# Zena

flores com caule de ferro



Moreira Campos, 3    Marília Parente, 4    Mirthyani Bezerra, 5    Camila Ribas, 6  
Jana Lauxen, 8    Vitor Batista, 9    Uraniano Mota, 10    Belisa Parente, 11

# Zun... zun... Zine Zena...zen Zun

por Belisa Parente

Cheguei a zurrar: Deus, porque eu?! Bramurias, bramidos, beliz, deixa para lá... Aceito o trabalho e me dedico. Redobro a minha resistência ao cultivar esse jardim florido. A Revista Žena teve o seu primeiro número impresso em 2009, três mil exemplares coloridos com 32 páginas, distribuídos gratuitamente em eventos literários e escolas públicas do Recife – sem qualquer patrocínio. A filosofia beat do “do it yourself”, o Zen, atman, o amor pelas palavras e pela cultura nos mantêm vivos.



Zena, que significa mulher na língua tcheca, é a bebê de Rainer Maria, Kafka, Kundera, Tsvetaeva, Hesse, da natureza e dos espíritos evoluídos. Uma colcha de crochê colorida bordada diariamente por amantes das artes em planetas diversos.

Vintage cosmopolita, segundo Valhalla Crowley. Sertaneja manguebeat das terras de Luiz Gonzaga e Chico Ciência. Independente, literária, amante das boas histórias, poesias, das boas energias, contos, crônicas, romances. Simpática aos temas ligados à natureza, gênero, diversidade, música, teatro, novela, amor, amor, amor.

Valorizamos um olhar profundo sobre os fatos, por isso, desde 2009, atualizamos a Zena online. No berço, a Zena foi ninada por Gay Talese, fundador do New Journalism (Novo Jornalismo ou Jornalismo Literário). Absorvemos o amor pelas descrições in loco, as críticas com a beleza de quem escreve um romance ou com a selvageria dos indignados. Eis a natureza, seja bem vindo ao universo Zena

## EXPEDIENTE

Edição: Belisa Parente

Capa: Badida Campos

Colaboradores: Camila Ribas, Marília Parente, Mirthyani Bezerra, Urariano Mota, Manuca Bandini, Jana Lauxen e Vitor Batista

Projeto gráfico: Wagner Beethoven

Contra-capá: Ganjarts Pessoa

Recife, 13 de novembro de 2012 Distribuição gratuita: 500 exemplares

Você quer receber a Zine Zena? Acesse [www.revistazena.com.br](http://www.revistazena.com.br)

## Os óculos

Você há de se lembrar, querida,  
que um dia nós dois brigamos num banco de avenida.  
Para ser mais preciso: no banco do velho Passeio Público,  
em frente ao mar.  
E brigamos porque eu disse  
que se um milionário da terra me ajudasse  
faria uma viagem à Europa, ou correria o mundo,  
talvez a África, Ásia (ó os Mares do Sul!).  
Eu, marinheiro de muitas ilusões,  
a acalantar sonhos no alto das gáveas.  
Você entristeceu  
e disse que se eu o fizesse era porque não lhe queria bem.  
Então brigamos, e brigamos seriamente.  
Contudo, casamo-nos.  
Tivemos filhos, e eles tiveram sarampo  
e outras doenças miúdas.  
E hoje nós dois, aborrecidos,  
procuramos por dentro de casa os nossos próprios óculos.

Moreira Campos

Nasceu em Senador Pompeu, interior do Ceará, em 1914 A poesia "Os Óculos" foi escrita para a sua esposa, Zezé Campos, e publicada no livro "Memórias", de 1976. Quer saber mais sobre o autor?  
[universomoreiracampos.blogspot.com.br](http://universomoreiracampos.blogspot.com.br)

# A “miscelânea estapafúrdia” de Lara

por Marília Parente

De 190 milhões de brasileiros, apenas 20 milhões tem o hábito de comprar livros. Dentro desse universo de leitores reduzido, os bravos escritores tupiniquins batalham nas vitrines com os vampiros, lobisomens e outros grotescos pop-stars pós-modernos, amparados pela indústria milionária da cultura de massa. Se para os escritores da terra de “onde canta o sabiá”, cuja obra já está publicada, é difícil viver de literatura, para aqueles que nem tiveram o gostinho de ver suas obras no papel a situação é pior ainda. Nesse contexto difícil, cabe aos autores buscar formas alternativas de publicação. Foi dessa situação que surgiu um ousado projeto on-line intitulado “Castanha Mecânica”, que se propõe a, gratuitamente, editar livros para que se tornem e-books e sejam publicados no próprio site.

Dentro do acervo do site encontramos “Miscelânea Estapafúrdia”, o mais recente livro do escritor Zé de Lara, de Bom Conselho, no Agreste de PE. Lara sabe como é difícil ser escritor no Brasil. O trabalho de assistente administrativo da UFPE é o que garante o seu sustento. “Miscelânea Estapafúrdia” é um apanhado de contos, poemas e crônicas que ao longo de suas 154 páginas aborda os mais diversos temas: sexualidade, drogas, filosofia, psicologia, política, espiritualismo. É perceptível a necessidade de não apenas fazer arte, mas de refletir a seu respeito. O autor mostra a arte como a solução para todos os seus conflitos e para sua agressividade, como é exteriorizado nos versos de “Ela, a poesia”. É justamente nas poesias que Lara demonstra melhor desenvoltura.

A vivência de poeta marginal faz com que ele aceite a oralidade regionalista - ao apresentar marcas do dialeto pernambucano, tanto agrestino, quanto metropolitano - característica da primeira fase do modernismo brasileiro, a qual também o influencia com um humor negro e ironias “oswaldianas”. Outra influência que parece marcante é a de Jack Kerouac e demais beats, quando Lara, sem cerimônia, usa palavras consideradas pelanormose, como ele mesmo diria de “baixo calão”, diluídas entre termos e figuras escatológicas. Temas que conquistaram a predileção do autor, talvez por identificação pessoal, e que são tabus para a psicologia, a religião e outras áreas do conhecimento humano, como a alteridade psíquica e o bissexualismo, ganham algumas páginas de atenção na obra.

A miscelânea, embora isso seja negado ao fim do livro, possivelmente autobiográfico, aparenta ser um diário reflexivo, fruto de uma incessante busca pelo autoconhecimento e pela expansão da consciência em todas as esferas: culturais, artísticas, sociais, espirituais, científicas e cósmicas. Uma leitura válida.

# Ode à música balsâmica

por Mirthyani Bezerra

Conjunto de sons conexos, com tons perfeitos, ritmos diversos, notas sobrepostas. Surge uma melodia capaz de acalantar a alma. Música boa para o coração, daquelas com forte potencial de mudança. Nem que seja do quarto para o meio da sala, nem que seja da tristeza profunda para a esperança.

Que vá do allegro ao presto. Pode ser uma bossa. Quem sabe um blues?! Rock?! Talvez seus compassos abusem das pausas e a melodia não precise de palavras. A alma é que sabe. O importante mesmo é sentir sobre as dores do mundo, sobre os amores vãos, sobre as belezas da vida. Às vezes, a música é a própria alma, transformada em poesia, ritmo e som. Há quem a cante em tom menor, a expor os anseios dos corações contritos ou, em tom maior, as alegrias de se estar vivo.

Ouvir, cantar, mudar. E nem precisa ser canções de protesto, feitas para politizar. Tem vez que basta um verso solto, um acorde diminuto, um arpejo acidentado, para que uma alma perdida ache um novo rumo ou, pelo menos, para que o ser encontre a paz, mesmo aquela que vem e passa.

E quem tem ouvidos para ouvir que ouça, pois esse forte potencial de mudança só alcança corações dispostos. Não precisa ter Iphone, Ipod, tampouco MP3 (4, 5, etc.). Se não tem nem radinho de pilha em casa, não importa. Jogue fora as travas, ouça as ruas, sinta a dura poesia das esquinas. A música está em toda a parte, no concreto, no certo, e incerto.

Zine Zena indica nova música pernambucana

Abeokuta / Ana Ghandra / Bandavoou / Baby Jaques e Os Sicilianos / Bon Rever / Manuca Bandini / Helton Moura / Jean Nicholas / Zeca Viana / Jessé de Paula

# Eugênia, a reportisa

por Camila Ribas

Pode parar pra observar: toda loucura tem a ver com uma paixão, é o transbordamento de algo lá do fundo, traz um tesão de não-sei-o-quê. Ali, logo na cara, os loucos têm muito mais do que nós, vivem deliberadamente, não se prendem com o peso do corpo ao chão. Alçam voos longos, muitas vezes sem volta, sem entendimento por parte de quem, simplesmente, não vive no mesmo nível de genialidade que eles. Ouvei há poucos dias o nome de Eugênia Brandão (mais tarde Moreyra), uma jornalista, líder feminista, atriz, diretora de teatro e um tanto quanto louca.

Aos 16 anos, no centro do Rio de Janeiro do início do século passado, desfilava seu espírito boêmio-feminista vestindo terno e chapéu de feltro em um momento que sequer havia pílulas anticoncepcionais nas gavetas brasileiras. Foi debaixo daquele chapéu que surgiram inúmeras ideias transgressoras, reacionárias e extremamente inteligentes. Foi ali que se deu o adubo para Eugênia bater à porta do jornal A Rua, conquistando, de cara, uma vaga de jornalista: ali, naquela redação, se sentou a primeira repórter brasileira. Causou um choque, tanto pelo gênero, quanto pelo estilo. Mas muito mais pelo peito de quebrar tabus. Calou a boca de alguns quando, reconhecida por seu talento, atuou ainda no A Notícia e em O País, poucos anos depois, ainda no início da carreira, apenas para começar.

O ápice se deu em meados de 1914 quando Eugenia “se aposentou” e sumiu da sociedade. Estava no Asylo Bom Pastor. Os leitores só ficaram sabendo da realidade algum tempo depois, quando começaram a surgir matérias sobre a conhecida tragédia da Rua Dr. Januzzi, nº 13 - um as-sassinato polêmico. Edina, esposa do tenente Paulo Nascimento, foi encontrada em casa morta com um tiro na cabeça, na rua Dr. Januzzi, nº 13, após descobrir que o marido a traía com sua própria irmã, Albertina. Esta foi confinada no Asylo Bom Pastor, um internato para jovens, enquanto

Paulo foi detido pela polícia, mesmo sem a certeza de ter sido assassinato ou suicídio. Com a descoberta de um bilhete de despedida supostamente escrito por Edina, pouco tempo depois, os acusados foram liberados. Foi nesse período que Eugenia se internou, com o objetivo de entrevistar as outras mulheres do hospício, para pescar informações sobre Albertina.

Apesar de não ter conseguido nada importante sobre o crime, Eugênia fez uma série de reportagens sobre a clausura. Os textos foram publicados em capítulos durante cinco dias seguidos, conquistando um grande número de leitores e dando a Eugênia o reconhecimento total de sua competência e talento como jornalista. Foi ali que se criou o termo reportista. Se para nós, em pleno Século 21, todo esse comportamento foge do comum, para aquela época, só poderia ser resumido e julgado como loucura.

Um dos indícios para reunir forças em busca da justiça é que sua mãe, viúva rica filha de barões, precisou sair de Minas Gerais, onde nasceram, para procurar emprego. O motivo? Pelas leis da época apenas os filhos homens podiam receber a herança. Um dos primeiros empregos que conseguiu foi em uma livraria, onde se aproximou dos livros, leitura e artes. Estava pronta para brilhar. E brilhou.

Ainda na sua trajetória pessoal, já profissionalmente reconhecida, casou-se com Álvaro Moreyra, também jornalista, e adotou o nome do marido. Com ele, manteve uma vida intelectual, política e artística ainda mais atuante. Participou da Semana de Arte Moderna de 1922, criou o Teatro de Brinquedo e construiu uma sólida carreira no teatro. Também participou ativamente da Aliança Nacional Libertadora, em 1935, o que lhe custou alguns meses de prisão. Esquerdista, foi uma das fundadoras da União Feminina do Brasil e ativa defensora da deportação de Anita Leocádia, bebê de Olga Benário. Além disso, militou ativamente na Aliança Nacional Libertadora junto com Pagú e Oswald de Andrade. Eugênia morreu aos 50 anos, no Rio de Janeiro, deixando oito filhos.

O seu cérebro, trabalhador incansável, derramou de paixão, loucura e inteligência.



# MULTIDÃO

por Jana Lauxen

Dentro de mim existem muitas ruas.

Ruas que levam para muitos lugares.

O mapa que eu trago no bolso é incompleto e confuso, e ninguém me passa as coordenadas.

Tenho que ir, mas sinceramente não sei se quero.

Está tão confortável e silencioso aqui, na segurança da minha estupidez.

Não, eu preciso ir.

Dentro de mim existem muitas ruas.

Ruas de chão batido e ruas asfaltadas.

Ruas elegantes e ruas sujas.

Ruas santas e ruas profanas.

Ruas com parques e ruas com presídios.

Ruas onde impera uma mata fechada e densa, e ruas onde não há nada, além de deserto e vento.

Essas ruas levam para muitos lugares.

O mapa que eu trago no bolso é incompleto e confuso, mas traz as informações que preciso saber.

Está ali, escrito.

Basta ler.

Mas não sei se quero, me sinto vazia e confortável aqui.

Não, eu preciso ir, e é só disso que tenho certeza.

Vejo um poste com a luz apagada, e sento ali, à toa, enquanto um cachorrinho simpático e sarnento faz seu xixi sossegado.

Coloco a mão no bolso, retiro o mapa.

Ele está dobrado ao meio; eu estou dobrada ao meio.

Olho para o cachorrinho e ele me observa com piedade.

Sinto vontade de ser um cachorrinho, ter um poste onde possa mijar, e sentir pena de criaturas como eu e você.

Tenho vontade de não saber ler.

Tenho vontade de ficar.

Mas preciso ir.

Dentro de mim existem muitas ruas.

E no mapa só está escrito MULTIDÃO.



# Isadora Duncan

“Le corbeau fait panache à ces têtes fêlées,  
Un morceau de chair tremble à leur maigre menton:  
On dirait, tournoyant dans les sombres mêlées,  
Des preaux, raides, heurtant armures de carton”.

(“Bal Des Pendus” de Jean Nicolas Arthur Rimbaud)

Perfil, galeria de fotos e vídeo da dançarina na Revista Zena [www.revistazena.com.br](http://www.revistazena.com.br)

Desenho da capa com bico-de-pena da artista plástica Badida Campos, inspirado em Isadora Duncan, especialmente para a Zine Zena.



Arnold Genthe / Divulgação

## DOG SUPERIOR

POR VITOR BATISTA



## Banquete de pobre\*

por Uraniano Mota

O beco tinha cheiro de tanajura frita na panela com banha de porco. Que felicidade no cheiro, no antegosto, na prelibação daquelas pretinhas apetitosas com temperos de só maciez e bondade. Comê-las, antes de ser o fim da festa, era uma festa contínua que não atingia a exaustão. As tanajuras fritas se comiam com o justo coroamento de um trabalho de curumim, menino índio e livre, que caçava ao canto de “cai, cai, tanajura, tua bunda é uma doçura” (a rima era gordura, mas só queria dizer doçura).

Antes, havia que pegá-las com cuidado e habilidade para evitar o ferrão, mas que cheiro elas possuíam ainda cruas, cheiro de sovaco de menina-moça, que cheiro! Arrancar-lhes as cabeças, cortar-lhes as perninhas, e como um guerreiro empurrá-las para um caldeirão. É verdade, a sua habilidade era pequena, mas era bom ainda assim pela liberdade de errar, tentar e afinal conseguir pelo menos 60 tanajuras para o jantar.

Na mesa eram comidas com farinha de mandioca ou pão bolachão. Era melhor que outra iguaria. O curioso é que antes da tanajura tinha o toró, a pequena tempestade que descia. Para os meninos era uma festa, pois transformava o beco num grande chuveiro. Ah, as mães permitiam que os moleques pulassem na chuva e se emporcalhassem aos gritos. Se soubessem que existia algo de nome piscina, chamariam os mergulho de lama de piscina. Debaixo d'água disputavam um grosso cano que descia de um prédio em construção.

O quanto a felicidade era pobre, miserável e boa. Custava tão pouco, porque a liberdade distribuída pelas mães fazia do mísero o feliz. Jimeralto lembrava com os olhos úmidos, fechados, com vontade de gritar: Infância, tu eras a liberdade! Então ele, enquanto dormia sob nome falso em uma pensão de outro país, porque São Paulo ou Rio para ele era outro país, lembrava o intervalo curto e feliz da vida. Tudo era tão perto e tão longe.

\* Do romance inédito “O filho renegado de Deus”

# *Lingua na língua*

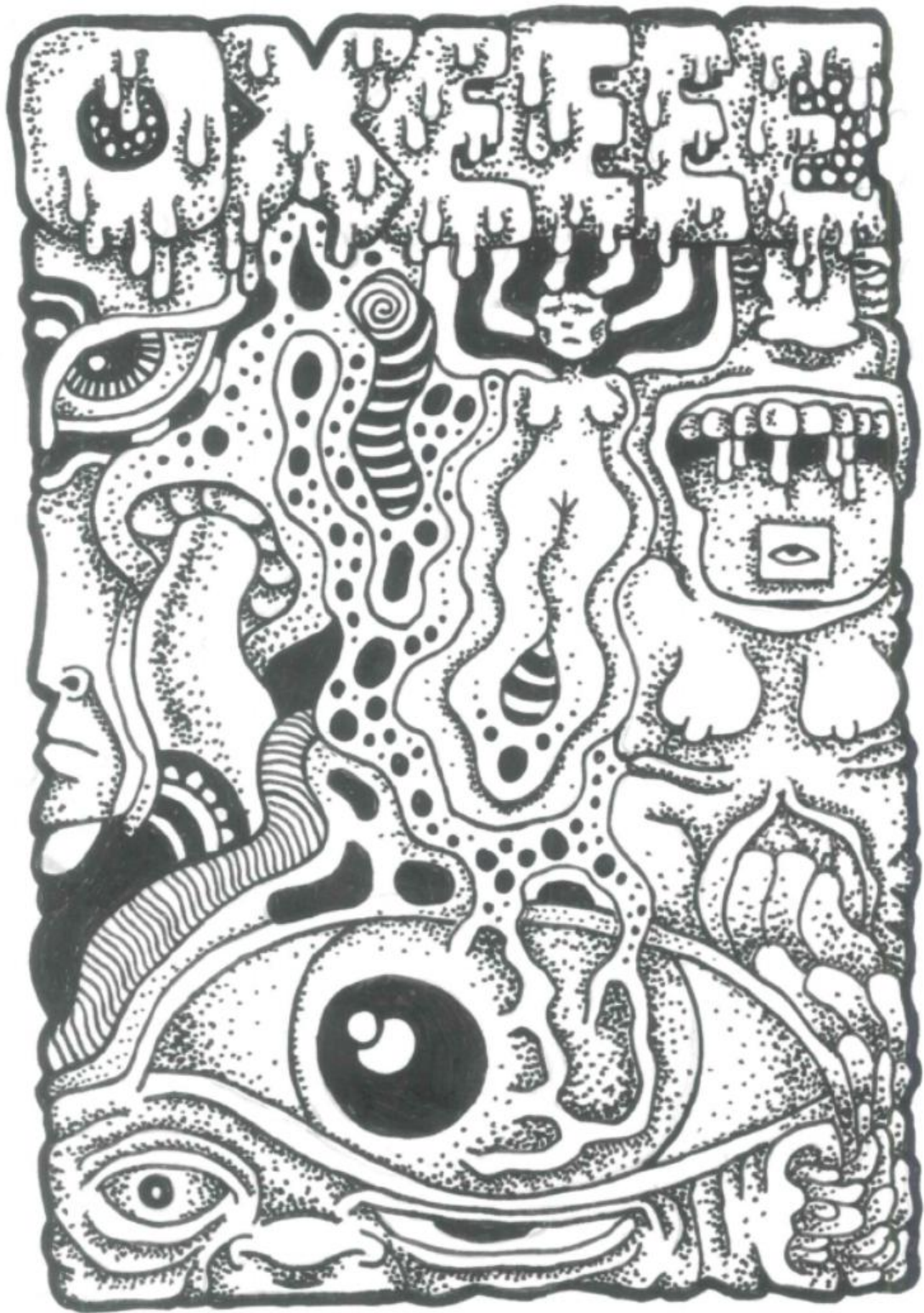
por Belisa Parente

As palavras chegam para me testar. Sopradas por barítonos ou seres encantados. Nos livros de Hesse, nos salmos, na língua solta dos néscios, nas colocações errôneas dos confrades, nos Diários Oficiais. Calma, não chame ela de cobra! Tadinha da minha amiga sabedoria. Uma cascavel? Sim... Aí sim. Os lobos, as raposas, crocodilos. Vocês conhecem a natureza? Já tentou tirar leite de vaca? Subiu num baobá? Ouviu o galo cantar? Um cavalo relinchar? Diz para eles, amado infante. "Ó caçador, que vais sem meias, a correr pelo pasto pânico, não deverias saber um pouco de botânica?".

Estou cansada de todos e todas, somos todos um. Quanta pisada de boi. Se é para defender o gênero sejamos apenas todas. Ora, pois. Monteiro Lobato, macaquinho lindo de mãe, te defendo até depois do fim. Me chamam de branquinha quando sou cor da terra e nem ligo. É grotesco ser acusado de racista por chamar alguém de preto no diminutivo. Conhecemos tons e contextos. Sem legendas, por favor, vamos dar asas à imaginação.

Estou enjoada do realismo contemporâneo da arte.

Estou cansada das associações simplistas. Todo abismo é depressão, morte. Esquecem os rompimentos entre o céu e a terra, as libertações, os voos, saltos quânticos. Eu nem digo como vou fazer, eu vou lá e faço, por osmose. Vem e pronto, Raulzito. Me mandou brincar no parque de diversões, foi? Empurrei João da escada. Mandei acabar com a cantoria só para sentir alegria. Escrevi cartas de amor abismais pra José e Maria. Briguei com Marcello. Ah, mas, vá. Eu simplesmente faço, coloco a minha língua nas línguas. Quer saber?! O feio e o bonito me atraem. Perdão quem espera concisão, sou apenas uníssona. Baixo. Alto. Psicodelia. Fecha as pernas. Abre!



mimos

os mimos foram pequenas porções de arte  
distribuidas juntos com o zine e serão reproduzidos  
nas próximas páginas

## BAILE DOS ENFORCADOS

o corvo serve de penacho  
às cabeças abertas  
um pedaço de carne treme  
em seu magro queixo:  
Parece, rodopiando  
entre as sombras misturadas,  
os fortes, audazes  
duelando armaduras de cartas.

Rimbaud

Trecho de "Bal Des Pendus"

Tradução de Belisa Parente e Manuca Bandini.

[www.RevistaZena.com.br](http://www.RevistaZena.com.br)

~~A próxima inspiração~~ o pode

ser você.

Já pensou nisso?

[www.RevistaZena.com.br](http://www.RevistaZena.com.br)

Cidade de gritos, a carta  
Saí de casa de malas na mão

sem dizer nada passei no portão  
Peguei um transporte

parei na estação

viagem e choro e solidão

Ai quem dera estancar

esse rio de lágrimas

Quem dera olhar um lindo sorriso

Quem dera abafar todos esses gritos

Quem dera plantar uma flor neste chão.

Wilton Rozenberg  
Tão

[www.RevistaZena.com.br](http://www.RevistaZena.com.br)





## *Dánae, a representação feminina de um mito*

por **Dani Leão**

O mundo dos mitos - emotivo, vocativo e comovente - costuma agradar a gregos e troianos. Nada melhor do que as mitologias no uso da razão e da emoção. Sobre esta perspectiva não há mítico maior que o amor: poeticamente o fogo aceso das chamas culturais, por se propagar fora dos sentidos comuns, de forma libertária, pulsante, ardente. O amor foge da razão por ser perenemente sensível. A verdadeira força motriz de tudo que é vivo, como reza à tradição.

A preservação histórica da Grécia Antiga se deve a mitos de origem política, econômica e social. A imaginação era solo fértil para grandes personagens e figuras mitológicas. O povo da pitonisa e os oráculos - por amor - uniram os deuses imortais do Monte Olimpo aos mortais. A coleção de narrativas da literatura grega reúne obras que influenciam as artes até hoje.

A mitologia grega influenciou o grande poeta brasileiro Vinícius de Moraes, na obra *Órfeu da Conceição*, baseada no amor encontrado no mito de Orfeu. Chico Buarque de Holanda e Paulo Pontes escreveram o musical *Gota d'água* baseado no mito de Medéia e Monteiro Lobato a obra *"O Minotauro e Os Doze Trabalhos de Hércules"*. Platão e Aristóteles introduziram no estudo filosófico a Estética, após debate sobre a escultura de Praxíteles- Afrodite de Cnido. Na antiguidade um misto de sentimentos aflorados pelo encanto do belo foi associado à magia, amor e erotismo..

Para representar toda esta simbólica história grega, nada melhor do que Gustav Klimt, pintor austríaco com fases simbolistas, expressionistas, impressionistas. O quadro acima, *Dánae* (1907-08), é inspirado em um mito. De acordo com o pesquisador Gilles Néret, a imagem representa o êxtase amoroso “no preciso momento em que se derrama entre as coxas gigantes da bela adormecida numa torrente de moedas de ouro misturadas com espermatozoides dourados, forma que Zeus toma para visitar a heroína, símbolo da beleza carnal e sensual”.

Na obra de Klimt também podemos despertar o lado lírico, misterioso e sensual. A chuva dourada de Zeus sob a pintura de uma mulher como símbolo da fecundação, a forma fértil de dar luz ao mundo faz parte do encantamento da estética. A construção de toda esta obra envolta ao sentimentalismo da história torna a pintura do artista tocante à alma. Entre o mito e a realidade um paradigma da mulher: o amor.

Quer vir?

VENHA

-

HIV

n ão.

Camisinha

Dunda, te amo.

ANJO.

Belisa Parente.

Poesia escrita após uma conversa ao telefone.

[www.RevistaZena.com.br](http://www.RevistaZena.com.br)